

O fantástico em Miss Doris, de Maria Lúcia Medeiros

ALCANTARA, Lúcia /Universidade Presbiteriana Mackenzie - lidiaxxalcantara@hotmail.com

Eixo: Literatura Latino Americana

Tipo de trabalho: ponencia

» *Palavras – chave: Miss Doris; Maria Lúcia Medeiros; Fantástico*

» *Resumo*

O presente trabalho busca estudar o conto da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros, intitulado “Miss Doris”, e, dado seu teor misterioso e sobrenatural, levantamos a hipótese de ele poder ser classificado como pertencente ao fantástico. Levando isso em conta, procuramos enquadrar esse texto no gênero fantástico, sabendo não bastar que um texto tenha mistério, que termine sem explicações, ou que tenha um teor sobrenatural para ser enquadrado em tal gênero. Até mesmo porque, as definições do que se constitui como texto fantástico mudaram conforme os séculos, e hoje, pode-se caracterizá-lo também como um gênero que explora o ser humano e sua natureza, suas dúvidas, anseios, como já disse Sartre (1997). Acreditamos que o conto de Maria Lúcia Medeiros consiga explorar esses últimos aspectos apontados pelo filósofo francês. Sendo assim, para a realização deste trabalho, utilizaremos, por meio de pesquisa bibliográfica, escritores que teorizaram sobre o fantástico, como Jean-Paul Sartre (1997), Tzvetan Todorov (1975), Sigmund Freud (1980), para que possamos, dessa forma, justificar nossa escolha de enquadrar *Miss Doris* como sendo um conto fantástico.

» *Introdução*

Este artigo tem como foco de trabalho um dos contos da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros. Sendo assim, achamos relevante, antes de falar de sua obra, falar um pouco sobre a vida desta ainda tão pouco estudada autora.

Natural de Bragança, Pará (Brasil), Maria Lúcia Fernandes de Medeiros, mais conhecida por seus amigos e familiares como Lucinha, nasceu em 15 de fevereiro de 1942. Escreveu diversos contos e uma novela, os quais foram publicados em coletâneas. Dentre essas coletâneas temos: *Zeus ou a menina e os óculos* (1988), *Velas. Por quem?* (1990),

Quarto de hora (1994), *Horizonte Silencioso* (2000) e *Céu Caótico* (2005). Este último foi publicado após sua morte, a qual ocorreu em 8 de setembro de 2005. Acometida pela Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), ou Mal de Charcot, a escritora veio a falecer em Belém do Pará, deixando um vasto acervo literário.

O conto escolhido para a realização deste trabalho é intitulado “Miss Doris”, e faz parte da coletânea *Horizonte Silencioso*. A narrativa traz a história de um jovem jardineiro, de mais ou menos trinta anos que, ao aceitar o emprego para cuidar do jardim de uma grande e aparentemente bonita casa – a qual tinha por donos uma família que passava grande parte do tempo fora da cidade – passa a tratar as plantas daquela residência como se elas representassem toda sua vida. Antes casado, é abandonado pela esposa, por causa da extrema e estranha dedicação que dispensava àquele jardim. A trama vai se desenrolando e, em uma noite chuvosa, a governanta da casa, Miss Doris, chama o jardineiro para verificar com ela alguns barulhos que pareciam vir de dentro da residência principal. O homem foi, mas não havia nada fora do comum. Ele, no entanto, por acaso, lançou os olhos em um quadro, um retrato de uma menina segurando rosas brancas no colo. Desde esse dia, o empregado tornou-se obcecado por aquele quadro. Pensava nele constantemente, sonhava com ele e, por vezes, ia escondido até a casa só para admirar o retrato da jovem. Tão alarmante se tornou a situação do personagem, que ele pensou até em chamar uma “benzedeira” para curar sua “doença”.

Passado algum tempo, os empregados receberam a notícia de que os patrões chegariam para uma temporada na casa. Chegado o dia da vinda dos donos, o jardineiro avista, em carne e osso, a moça do retrato. Não demorou muito para o homem ganhar a confiança da menina, fazendo pequenos serviços para ela, como levar e trazer bilhetes para amigas. O desfecho da narrativa acontece quando se verifica um movimento não usual na casa. Descobre-se, então, que a menina, adoração do jardineiro, havia fugido com o namorado. Lembrando-se dos bilhetes que ajudava a mandar, saiu da casa, desorientado, à procura de um lugar para se deixar morrer.

Dado o teor misterioso do conto em questão, levantamos a hipótese de ele poder ser classificado como pertencente ao fantástico. Todavia, não basta que um texto tenha mistério, que termine sem explicações, ou que tenha um teor sobrenatural para ser enquadrado em tal gênero. Até mesmo porque, as definições do que se constitui como texto fantástico mudaram conforme os séculos: se antes era necessário haver vampiros, monstros, fantasmas, bruxas ou entidades sobrenaturais para que uma obra fosse definida como fantástica, hoje isso já não é mais necessário, como veremos no decorrer deste trabalho. Hoje, o fantástico pode ser caracterizado também como um gênero que explora o ser humano e sua natureza, suas dúvidas, anseios, como já disse Sartre (1997) e como será visto mais adiante. Acreditamos que o conto da paraense Maria Lúcia Medeiros consiga

explorar esses últimos aspectos apontados pelo filósofo francês. Sendo assim, para a realização deste artigo, utilizaremos escritores que teorizaram sobre o fantástico e suas características, como Jean-Paul Sartre, Tzvetan Todorov e Sigmund Freud. Dessa forma, esperamos justificar nossa escolha de enquadrar “Miss Doris” como pertencente a esse gênero.

› *Miss Doris: características fantásticas*

De acordo com o *Dicionário de Termos Literários*, de Massaud Moisés (2004), “a narrativa fantástica gerou uma copiosa bibliografia acerca de sua natureza, variedade e proximidade com outras formas de prosa ficcional. Embora muitos teóricos concordem entre si no tocante à essência do fantástico, o assunto tem gerado não poucas discrepâncias [...]” (p.185). Por conta dessa vasta bibliografia, fez-se necessário selecionar alguns teóricos que falem sobre o assunto. Iniciamos, assim, por Jean-Paul Sartre, pois, levando em conta seu texto intitulado “Aminadab ou do fantástico considerado como linguagem”, é possível perceber que algumas de suas observações podem ser aplicadas ao conto de Maria Lúcia Medeiros. Vejamos, a seguir, algumas delas.

Para Sartre (1997), o fantástico que surge no século XX tem como foco o próprio homem e seu pensamento atormentado. Já não são necessárias quaisquer outras entidades sobrenaturais - fadas, bruxas, monstros, estátuas que se movem, fantasmas etc. -, pois o próprio homem seria considerado o ser fantástico: “não é necessário nem suficiente pintar o extraordinário para chegar no fantástico” (Sartre, 1997, p. 109). Em “Miss Doris” isso pode ser observado, pois não há a presença de nenhum ser sobrenatural, apenas o próprio homem:

Não há súcubos, não há fantasmas, não há fontes que choram, há apenas homens e o criador do fantástico proclama que se identifica com o objeto fantástico. Para o homem contemporâneo, o fantástico é apenas um modo entre cem de reaver a própria imagem (Sartre, 1997, p. 113).

O conto em questão gira ao redor do próprio ser humano, do jardineiro, e de como ele passa a dedicar toda sua vida a um jardim e a um quadro de uma menina que ele nem sequer conhecia:

[...] o jardim passou a ser, a partir do momento em que eu o vi, o meu alento, os meus cuidados, razão dos meus afazeres que ali começavam e ali terminavam, como se o meu lugar fosse aquele, como se ali eu tivesse nascido feito galho de planta que a gente enterra para fazer brotar (Medeiros, 2000, p. 9-10).

A vida calma que eu vinha desfrutando transformara-se em agonia, arrepios de frio e quente se eu pensava na casa, se eu pensava na noite de chuva, a noite dos ruídos, se eu – mesmo de olhos fechados – firmasse o pensamento dentro do palacete e visse de novo a sala como vira antes, alumiada pela pouca luz.

Para cada erva daninha que eu arrancava com minhas mãos grossas nascia uma pergunta, incapaz de soltar-se de dentro do meu peito (Medeiros, 2000, p. 15).

Os trechos acima descrevem, respectivamente, o momento em que o jardineiro passa a girar sua vida em torno do jardim, e o momento em que ele recorda a primeira vez que viu o retrato da menina na sala. O absurdo acontece justamente no fato de o homem se tornar obcecado por objetos que, aparentemente, não deveriam ser significativos para a vida dele. No entanto, ele desenvolve uma fixação pelo jardim e, principalmente, pelo quadro da menina. Como explicar tal fixação? Não há como explicar por meios racionais, e o texto finda sem que o leitor obtenha essa justificativa, ficando a critério dele próprio atribuir uma interpretação para isso.

É possível dizer, então, que há, aí, um evento misterioso, estranho, fora do familiar. Lembremos, assim, de Freud e seu “unheimlich”, traduzido por “estranho”: “algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar para torná-lo estranho” (Freud, 1980, p. 277). Para Freud, o estranho tomaria forma no misterioso, no que não é familiar. No conto de Maria Lúcia Medeiros, os eventos que sucedem tiram o jardineiro de sua esfera de segurança, conforto, tiram ele da esfera do familiar, e podem ser considerados estranhos, como podemos confirmar na citação a seguir:

De olhos fechados, se vinha o retrato na minha cabeça – e ele vinha e voltava sem parar o dia todo – eu encostava o corpo n’alguma parede para melhor me apreciar feito um balão tocado pelo vento, iluminado, a fugir por cima da mata.

De olhos abertos, porém, eu via as minhas rosas brancas no colo da menina e a minha sombra cobrindo o rosto dela no sol do meio dia (Medeiros, 2000, p. 16).

Mas dormi e sonhei que o retrato crescia feito um danado na minha frente e que a menina se levantava dele e me ameaçava com os espinhos das rosas brancas e que eu corria e tropeçava mas que, mesmo assim, ela sorrindo de maldade, começava a tirar sangue do meu rosto, do meu peito, das palmas dos meus pés. Ao ameaçar furar meus olhos com os espinhos eu gritava por Nossa Senhora e acordava (Medeiros, 2000, p. 24).

É possível perceber o sofrimento do jardineiro por ele próprio considerar que tinha uma espécie de doença, uma força (sobrenatural?) que o arrastava cada vez mais para dentro da casa e para perto do retrato. E, apesar de o personagem principal parecer não querer agir dessa forma, não consegue evitar, e passa a ser cada vez mais engolido pelo retrato da menina.

Voltando às teorias de Sartre (1997), o filósofo francês afirma que os eventos considerados absurdos no mundo real, no texto fantástico são encarados como completamente normais. O jardineiro, apesar de aflito por se tornar obcecado pelo retrato, não parece ver problemas maiores nessa fixação repentina, a não ser o seu próprio sentimento, o qual lhe angustia e faz sofrer. Ele não se questiona, não argumenta o porquê de tudo aquilo estar acontecendo. Para ele, sentir tal obsessão acaba fazendo parte de seu dia-a-dia, e ele acaba convivendo com isso. Isso pode ser visto, principalmente, a partir do momento que a menina chega, em carne e osso, na casa:

Passei a vê-la [a menina] diariamente do mesmo jeito que o sol nascia para todos. Foi um tempo tão feliz que dormir era interromper a felicidade dos dias. Nem vou ter pejo de contar eu, sem ninguém saber, passei a merecer atenções da menina a lhe fazer mandados, um caderno a buscar numa vila bem perto, um romance a devolver com muitas recomendações, além de cartas e bilhetes em casa de colegas. De repente dei-me conta de que eu dormia e acordava para servi-la, o que fazia meu peito inchar de satisfação (Medeiros, 2000, p. 23)

É possível notar que o jardineiro, ao invés de achar incomum seu comportamento, eventualmente acaba acreditando que sua forma de agir com relação à menina é completamente normal, inclusive trazendo a ele plena felicidade. E, mesmo antes da chegada dela, quando o protagonista entrava, sorrateiramente escondido na casa, apenas para ver o retrato da menina, faz desse comportamento um hábito, uma rotina:

Uma passada de luz pelo pescoço, pelo braço esquerdo para que viesse chegando o arrepio, o pulsar do meu corpo enrijecendo. Molhava-me de choro, quantas vezes querendo bater a cabeça na parede, curar a doença que me fazia entrar na casa, malfeitor de mim mesmo e envenenado (Medeiros, 2000, p. 17)

O que vemos, então, no conto de Maria Lúcia Medeiros, é justamente, conforme falava Sartre (1997), o absurdo se tornando parte da rotina, sendo absorvido na vida dos personagens como algo normal, não mais como algo estranho.

Podemos recordar, novamente, as teorias de Sartre e pensar no fato de que o homem é o grande protagonista de “Miss Doris”. Não há nenhum tipo de entidade sobrenatural, apenas o próprio homem. Relembremos também que, ainda para Sartre, o fantástico representa a condição humana. Dessa forma, pode ser que, assim como o texto, o qual segue do início ao fim permeado por sofrimento e incertezas, assim acontece com a vida e com o ser humano. Mas, principalmente, o conto parece mostrar o desequilíbrio do homem ao enfrentar algo novo, que sai do planejado, do esperado, quando a chamada zona de conforto é retirada. Talvez o jardineiro e sua obsessão representem a falta de equilíbrio

do ser humano em lidar com o desconhecido e o novo. Talvez representem a dificuldade do ser humano em equilibrar as várias esferas de sua vida (o jardineiro abandonou sua família para se dedicar exclusivamente ao seu trabalho, ao jardim). O fato é que o conto parece suscitar diversas interpretações que levam o leitor a refletir sobre a sua própria condição, sobre a condição do homem.

Agora, utilizando um dos textos mais conhecidos sobre o fantástico, intitulado *Introdução à literatura fantástica*, de Tzvetan Todorov, é possível afirmar que, segundo o teórico estruturalista, o fantástico está relacionado à hesitação, que deve estar presente tanto no leitor como nas personagens do texto. Por conta disso, Todorov (1975) afirma que o gênero fantástico dura “[...] o tempo de uma hesitação, hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da ‘realidade’” (p. 47 – p. 48). A hesitação ocorre, então, ainda de acordo com Todorov (1975), em decorrência de um fato que não pode ser explicado de acordo com as chamadas leis naturais do nosso mundo, e “esta hesitação pode-se resolver seja porque se admite que o acontecimento pertence à realidade, seja porque se decide que é fruto da imaginação ou resultado de uma ilusão” (p. 165 – p. 166).

No caso de “Miss Doris”, a hesitação está presente do início ao fim, pois não se tem explicações ou justificativas sobre o que está acontecendo. Nem mesmo ao final, quando o quadro, aparentemente, some junto com a menina:

Quem deu por falta foi Miss Doris. Digo isso porque foi o grito dela a ser ouvido no palacete para onde corremos todos imaginando coisas. Do lado de fora ruídos estranhos: portas que batiam, alguém a descer e subir as escadas e a voz da senhora ao telefone. O senhor entrava e saía de casa soltando baforadas. De repente bateu-me um pressentimento. Esgueirei-me e aproveitando a confusão procurei o retrato na parede. Era o lugar mais limpo. O telefone tocava e agora dava para ouvir a voz do senhor. Eu não queria perguntar mas a informação já passava de boca em boca: a menina fugiu com o namorado (Medeiros, 2000, p. 24-25).

Ao procurar o retrato na parede, o jardineiro não o encontra e descobre que a menina também havia sumido. Podemos sugerir que, de maneira inversa ao livro de Oscar Wilde – *O retrato de Dorian Gray* –, o retrato, em “Miss Doris”, contém a existência da menina na alma do jardineiro. O narrador do conto em questão dispusera de muito pouco tempo para sentir a sua vida plena de significado. Descobrir a verdadeira razão de sua existência quando vislumbrara pela primeira vez o retrato da menina. E, naquela manhã, quando seus olhos desesperados procuraram a pintura no vazio da parede, realizou de imediato sua própria desgraça: ela se fora e com ela o seu duplo, o retrato, a representação pictórica da infância (da pureza?) que a menina perdera. Para ele já não haveria esperança ou alegria, apenas a recordação do passado, amarga e destrocada.

E, afinal, como explicar todos os eventos que haviam acontecido? Qual o motivo

da fixação do protagonista pelo retrato? O que levou o quadro a sumir junto com a menina? Nada disso é explicado, e o leitor é levado a escolher o final e a interpretação que achar mais coerente (ou interessante).

› *Considerações Finais*

O conto “Miss Doris” possui características do fantástico ditas por Sartre e Todorov, como, por exemplo, o fato de ter o homem como protagonista, explorar a natureza humana e ser permeada de hesitação até o final. Os eventos estranhos que vão ocorrendo na narrativa desestruturam o personagem principal, e podem ter efeito semelhante no leitor, o qual pode se sentir confuso sem obter explicações nem justificativas pelos fatos que vão se desenrolando. E, apesar de os eventos insólitos desestruturarem o jardineiro até certo ponto, há um momento em que o absurdo é incorporado à rotina, é encarado de forma natural. Além disso, segundo Todorov (1975), poderíamos considerar o conto de Maria Lúcia Medeiros como pertencente ao fantástico puro, visto que ele permanece sem explicação até o seu final.

Esta análise, porém, não se encontra finalizada, e é aberta a novas possibilidades de estudos. Afinal, que análise está encerrada, fechada? Acreditamos que nenhuma. No entanto, há que se começar de algum lugar, e consideramos este trabalho um ponto de partida para se compreender melhor o texto “Miss Doris”, um conto o qual consideramos fantástico, e que se mantém sem explicações até o seu desfecho.

› *Referencias bibliográficas*

- Freud, S. (1980). Edição Standard Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.17. Rio de Janeiro: Imago.
- Medeiros, M (2000). Horizonte Silencioso. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Moisés, M (2004). Dicionário de Termos Literários. São Paulo: Cultrix.
- Sartre, J (1997). Situações I. Lisboa: Europa-América.
- Todorov, T (1975). Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva.